

Biennale Arte 2024
Pavilhão de Portugal
Palazzo Franchetti
Veneza, Itália
20.04.2024 a 24.11.2024

Artistas - Curadoras

Mónica de Miranda
Sónia Vaz Borges
Vânia Gala



La Biennale di Venezia

60. Esposizione
Internazionale
d'Arte

Partecipazioni Nazionali

GREENHOUSE

A internacionalização é uma prioridade da nossa política cultural. Na arte contemporânea, esta aposta tem duas dimensões: por um lado, visa projetar a cultura e os criadores portugueses além-fronteiras; por outro, é um elemento nuclear das políticas públicas concebidas para o próprio território português.

A importância que atribuímos à internacionalização exige que se dê uma atenção particular a eventos de grande projeção mundial, como a Bienal de Arte de Veneza, mas também a Bienal de Arquitetura da mesma cidade, a Bienal de Istambul, a Bienal de São Paulo ou a Quadrienal de Praga. Encontros como estes são decisivos para a inserção dos criadores portugueses nas redes artísticas internacionais e para que possamos apresentar fora de portas o país que somos hoje, com toda a sua riqueza e pluralidade. A criação contemporânea não se faz com cada um encerrado em fronteiras nacionais, mas sim em diálogo aberto com o mundo.

Veneza é ímpar na sua capacidade para estimular o debate e a colaboração entre criadores de todos os continentes. A Bienal instiga a discussão crítica e informada sobre as práticas e as direções da arte contemporânea, num questionamento radical do lugar e das fronteiras da criação artística. O tema deste ano – “Estrangeiros em todos os lugares”/“Foreigners Everywhere” – parte de problemas urgentes ligados à questão dos refugiados, para mergulhar na complexidade do termo “estrangeiro” e expandir a reflexão sobre as suas diversas ações. É uma questão que ressoa intensamente nos tempos atuais, numa época marcada por deslocamentos em massa, por preocupantes manifestações de xenofobia, mas também por um vivo combate antirracista. A Bienal de Veneza convida a uma análise crítica das barreiras criadas pela perceção do diferente e do estranho, oferecendo uma plataforma para pensarmos nos desafios que enfrentam todos aqueles que, por um motivo ou outro, são marginalizados.

Na edição deste ano, a representação portuguesa é assegurada por Mónica de Miranda, Sónia Vaz Borges e Vânia Gala, que partiram do tema proposto por Adriano Pedrosa, curador geral da Bienal, para apresentar uma abordagem multidisciplinar e arrojada. *Greenhouse* é um encontro entre artes visuais, performance e investigação, que constrói um projeto expositivo em redor de um jardim. Esse jardim é, ao mesmo tempo, um espaço de aprendizagem e um espaço discursivo e performático, que testa as fronteiras convencionais da exposição artística. *Greenhouse* propõe-se como um “jardim crioulo”,

um lugar onde as fronteiras entre o observador e o observado, o local e o estrangeiro, são postas em questão. É uma resposta muito original ao desafio lançado pelo curador, que explora a relação complexa entre os múltiplos significados de estrangeiro, de espaço e de lugar, e dessa forma amplia o alcance do tema proposto.

Pedro Adão e Silva, Ministro da Cultura

GREENHOUSE é um projeto que se define entre prática, teoria e pedagogia, entre experimentação e reflexão a partir de quatro ações no espaço expositivo: **Jardim** (Instalação, Espaço e Tempo); **Arquivo Vivo** (Movimento, Som e Ação), **Escola** (Educação, História e Revolução); **Assembleias** (Público, Comunidades e Publicação).

GREENHOUSE esbate as fronteiras entre diversas áreas do conhecimento artístico criando um espaço onde o curador, o artista, o investigador e a performance se fundem, refletindo pela interdisciplinaridade e transversalidade do projeto, e pela solidariedade radical, a equipa curatorial e artística, que é composta por uma artista visual, uma coreógrafa e uma investigadora. Propõe uma ação coletiva que reflete sobre as relações entre a natureza, ecologia e política.

Questionando a própria epistemologia da construção do espaço expositivo e da hierarquia entre curador e artista, pensamento e prática, corpo e mente, natureza e humano. O jardim torna-se um espaço de criação contínua entre os artistas e o público e comunidades da diáspora africana em Portugal tanto imigrante como artística, em relação com a comunidade de Veneza nacional e internacional.

Neste ano em que se celebra o quinquagésimo aniversário do 25 de Abril e o centenário de Amílcar Cabral, colocamos o solo como elemento transversal que carrega não só as memórias das transformações geomorfológicas, mas também as violências dos impérios, dos vestígios de quem por ele passou, assim como as histórias de resistência, integração e diferença. GREENHOUSE pretende expor que a regeneração dos solos era indissociável do projeto da luta de libertação, algo que é desenvolvido da investigação de Amílcar Cabral “O problema da erosão dos solos” (1988, [1951]).

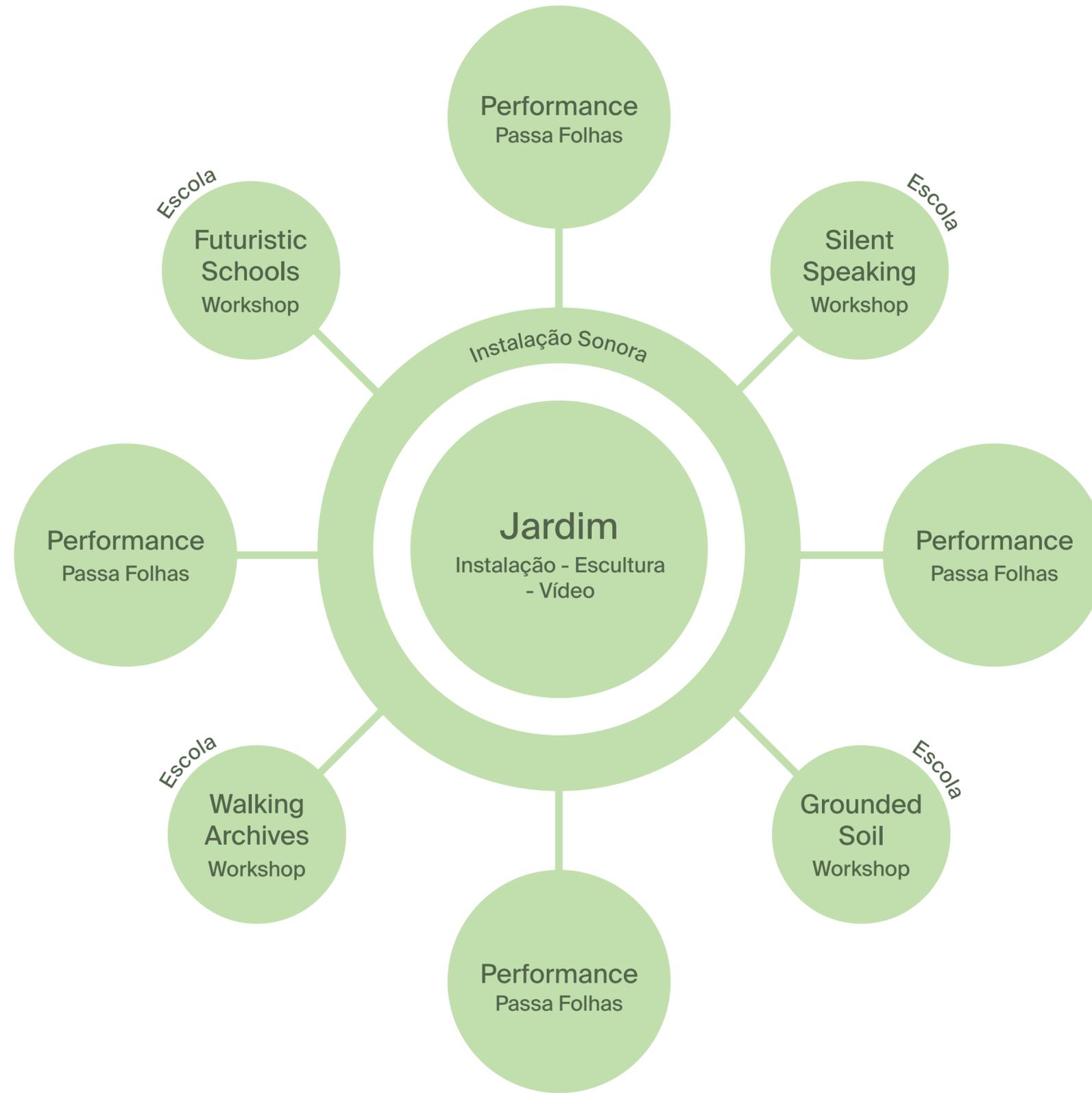
A narrativa visual deste projeto propõe uma possível regeneração a partir do espaço jardim, um espaço de encontros e reflexões sobre passados pela criação de um *arquivo vivo* de ação. A criação de um espaço presente com o desenvolvimento de uma *escola*, e *ações performativas* dentro de um jardim em constante crescimento e de um espaço com tempos futuros, onde se imaginam encontros entre artistas, público e comunidade como um espaço de fantasia e imaginação de novas histórias e fabulações críticas. Baseado na ideia de que a libertação só pode ser pensada enquanto projeto contínuo e realizada coletivamente, e que a arte é o terreno onde a liberdade absoluta é permitida, GREENHOUSE tece várias conexões rizomáticas entre múltiplos atores – desde a equipa artística, até o público,

e o próprio solo e as plantas que fazem parte do ‘objeto-espaço’ proposto como lugar de ação. Neste projeto, a obra não é um objeto de propriedade privada e intelectual, mas sim um objeto coletivo, que funciona como um espaço de partilha, interação e produção de conhecimento entre os vários estrangeiros que formam as comunidades marginalizadas de Portugal. Mas também do panorama da arte contemporânea internacional. Tecemos várias conexões com o propósito de transformar a subjetividade contemporânea – engajados em processos de desaprender relações de poder que herdamos, mas também em processo de criação de novas ligações entre comunidades e com a própria terra.

Mónica de Miranda, Sónia Vaz Borges e Vânia Gala



Imagem de FMSMB/ Arquivo Amílcar Cabral.



GREENHOUSE propõe a construção de um ‘Jardim Crioulo’¹ (Glissant, 2010) que acolhe um amplo programa de ações performativas, interdisciplinares e transformativas. Este jardim assume a forma de escultura e instalação, lugar de escuta e de transmissão e troca de conhecimento. Pretende-se ativar espaços de ação e pensamento crítico do jardim como um lugar que se quer assumir como um arquivo vivo, espaço educativo, palco de gestos, movimentos e ações, resistências, fabulações e especulações, onde as várias identidades, os corpos curatoriais, visuais, coreográficos, transmissores, e de investigação militante se fundem formando um corpo-solo migrante e per-(r)existente.

O jardim vai ocupar o salão principal do palácio. Vai ser constituído por plantas que fazem referência a botânicas tropicais, e criado segundo princípios de permacultura e agricultura sintrópica. O jardim expositivo torna-se um espaço discursivo que vai ser desenhado para acolher várias ações (desde palestras, filme, dança, workshops) e para poder ser habitado e crescer e mudar ao longo do processo expositivo. A criação do jardim será realizada por Mónica de Miranda, em colaboração com o estúdio de arquitetura de Paulo Moreira, com o paisagista Paulo Palma e a Clínica Botânica. O jardim é o espaço curatorial e expositivo onde as várias ações propostas acontecem.

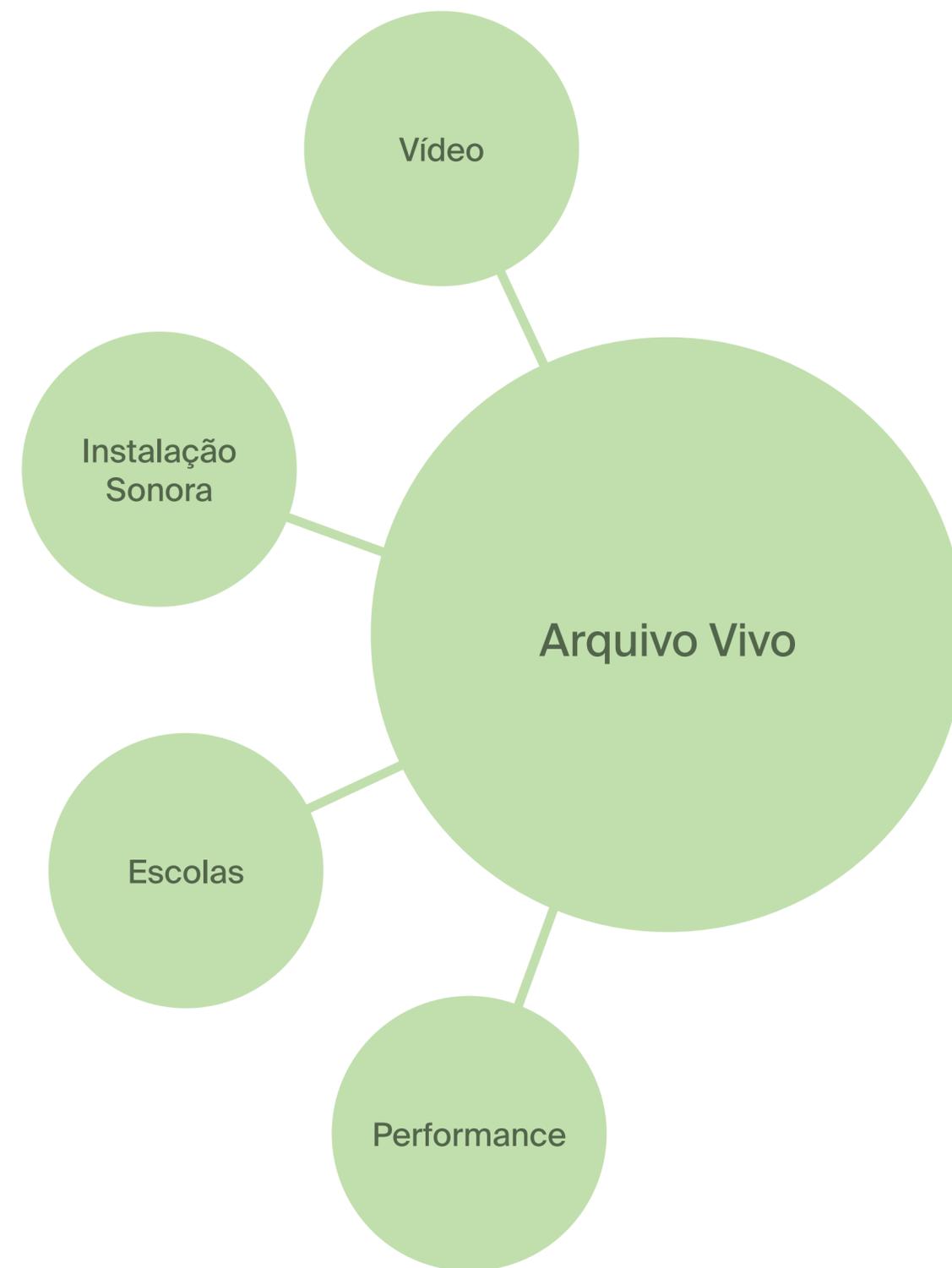
¹ O “Jardim Crioulo” de Glissant refere-se a pequenas hortas clandestinas criadas por escravos por iniciativa própria, longe do trabalho escravizado, como fonte de nutrição. Esses arranjos eram cultivados e cuidados de tal forma que dezenas de árvores e aromas diferentes protegiam-se mutuamente.



Instalação Sonora

O jardim-escultura torna-se num jardim de ação, transmissão, emissão e especulação. Vai ser permanentemente habitado por uma instalação sonora criada pelas três artistas-curadoras mas também transmissões de rádio sobre curadoria do Funambulist². A instalação vai ser constituída por diferentes frequências sonoras, da sua elasticidade e *sampling* como forma de alteridade e transformação. A materialidade do som será explorada refletindo o som como matéria que passa tal como as frequências de rádio, encontrando-se ou desencontrando-se, ampliando-se e distorcendo-se. Faremos uso da voz e de textos de Amílcar Cabral abrindo estes a estes mesmos processos de alteração, amplificação, contração ou apagamento(s). E experimentaremos como estes se ligam e (des)ligam aos corpos e vozes.

² O Funambulist é um projeto editorial iniciado por Léopold Lambert em 2010, dedicado à política do espaço e dos corpos. Através de uma plataforma online, um podcast e, sobretudo, uma revista impressa e online bimestral, o projeto procura analisar as lutas políticas do mundo através do espaço e do ambiente construído. Artigos, entrevistas, obras de arte e projetos de design formam um arquivo contínuo de lutas anti-coloniais, antirracistas, anticapitalistas, queer, trans e feministas, proporcionando uma plataforma onde activistas/académicos/praticantes se podem encontrar e construir solidariedade para além das fronteiras e escalas geográficas.



Movimento e Performance - *Passa Folhas*

A performance que vai dialogar e habitar o jardim é em si um arquivo vivo coreográfico, intitulado *Passa Folhas*. É criado por Vânia Gala e em escuta e colaboração com os outros artistas e ações como escola e a fisicalidade do jardim. *Passa Folhas* parte da ideia do 'Jardim Crioulo' (Glissant, 2010) como prática de contra-plantação de distribuição mútua, bem como posicionamentos e coreografias alternativos. No jardim, as raízes subterrâneas interligam-se, misturam-se e entre-ajudam-se. Como rede de práticas, a performance assemelha-se ao jardim no sentido de que vários posicionamentos na forma de uma multiplicidade de práticas, coreografias e modos de expressão são cultivados, articulados e em constante formação. Com isto, propõe-se o início de outra forma alternativa de arquivo colectivo: um arquivo performativo e olfativo. – Em *Passa Folhas* - um olfato particular presente no jardim amplia-se distribuindo-se pela sala. Passar aqui entende-se como o passar de passagem de linguagem que 'passa mas fica', que se transmite opacamente entre corpos como as frequências de rádio invisíveis por processos invisíveis. Passaremos por processos de *sampling*, ensaiaremos práticas de *call and response* que se desenvolverão em várias formas (jogos de movimento, textuais ou fazendo uso de tecnologia in-ear), investigaremos o posicionamento particular de cabeça para baixo e de uma teia de outros posicionamentos e performances que surgirão neste contexto. Ensair-se-á em conjunto esses vários posicionamentos na sua materialidade mas também na sua operacionalidade (ou não) no movimento. Investiga-se o passar da porosidade entre corpos, mas também da transmissão opaca de práticas como o passa folhas. Pretende-se, pois, investigar também coreograficamente, especulativamente o acto de passar folhas e os seus aspectos performativos. Aqui a intenção é também investigar mesmo o passar folhas como acto performativo que usa folhas existentes nos jardins crioulos para afastar maus espíritos. Partindo da ideia de posicionamento enquanto ato performativo ou, mais mundanamente, enquanto posição assumida em, com ou dentro de corpos, a performance enquadra questionamentos e especula sobre posicionamentos específicos. *Passa Folhas* emula essa ideia nos seus múltiplos apelos ao atendimento de uma rede de práticas e saberes distintos. Abre a possibilidade de “diferença sem separabilidade” (SILVA, 2016), tal como a posição de 'de cabeça

para baixo' na medida em que articula em si uma relação entre ideias de forças bastante distintas – 'o para cima', 'o para baixo' – inseparáveis dentro do mesmo plenário e em relação. A ideia da diferença através da troca sem perder-se. Tal coabitação de práticas exige articulações de diversas ordens do visual, oral, corporal, olfativo, colorido, tátil ou mesmo gustativa. Mas isto também implica uma mistura de tempos distintos que coabitam lado a lado (extremamente lento ou extremamente rápido, o tempo histórico, geológico ou das mesmas plantas). Ambos serão investigados nos corpos. Desta vez, como motor do movimento / ação e na continuidade nesta pesquisa sobre o Jardim Crioulo também enquanto movimento histórico e coletivo em si e o gesto que ele incorpora), a performance aborda posicionamentos invertidos como forma de organização de corpos sem esquecer os mundos com o qual estes se articulam. As posições de cabeça para baixo ou de pernas para o ar simulam a imagem de um mundo investido dos ancestrais ligados à cosmologia Kalunga. Engolo ou Ngolo em Kikongo (uma das línguas nacionais de Angola) - nome específico das artes marciais existentes em Angola e na diáspora africana na América do Sul - está profundamente enraizado e é inseparável da kalunga, uma visão cosmológica que “invoca um mundo invertido onde os ancestrais andam com os pés para cima. Essas cosmologias podem ser encontradas no Sul dos Estados Unidos em sepulturas “muitas vezes marcadas com representações iconográficas da Kalunga com itens colocados de cabeça para baixo, em contínua apreciação do facto de que o mundo dos mortos era invertido” (Desch -Obi, 2008, p. 139). 'De cabeça para baixo' surge como um posicionamento produtivo na criação de outras possibilidades, outras formas de fazer e estar no mundo. Este posicionamento materializar-se-á nos caminhos percorridos no espaço performativo – o Palácio - (usando caminhos inusitados existentes como entradas) ou de outras 'coisas' expostas de cabeça para baixo, as partituras que os performers são convidados a participar, ou o tipo de pistas dadas entre os performers. Aqui emerge uma reflexão sobre o coreográfico como lugar e terreno. Ensaíam-se posicionamentos usando a forma do ensaio revelando as indicações.

Movimento e Performance - *Passa Folhas*

Passa Folhas fá-lo através do fluxo de instruções transmitido por sistema *in-ear* entre coreógrafa e intérpretes, revelando-as por vezes ao público. Mostra-se, oculta-se, camufla-se: os quatro intérpretes, os artistas, o manipulador de som. Assume-se o coreográfico como lugar de manifestação de práticas opacas mesmo subterrâneas - e frequentemente indecifráveis - ou em enunciações específicas que podem constituir um convite para outras possíveis futuridades coletivas.

Mónica de Miranda, *Crossing*, 2024, inkjet print on cotton paper, 60x40 cm,
© Mónica de Miranda, Courtesy of the artist.



O Jardim será transformado numa escola com um programa criativo de workshops e investigação. As Escolas, com curadoria da historiadora militante Sónia Vaz Borges, propõem um Programa-Ação para criar uma escola revolucionária para o presente e o futuro. Com base na sua extensa investigação sobre as escolas revolucionárias dos movimentos de libertação e do internacionalismo, Vaz Borges organiza workshops que envolverão as comunidades afro-diaspóricas de Portugal e Itália, com um público física e linguisticamente diversificado, integrando no debate grupos normalmente marginalizados pelo sistema educativo normativo, incluindo migrantes, refugiados, mas também pessoas com deficiências visuais e auditivas. Estas escolas reflectem o projeto-processo de educação militante desenvolvido pelo PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde), destinado a crianças, jovens e adultos, e envolvendo três aspetos: formação técnica, formação política e transformação dos comportamentos individuais e coletivos

Imagem de FMSMB/ Arquivo Amílcar Cabral.



Walking Archives / Arquivos Errantes

Walking Archives será uma leitura-performance - *Weaving stories and memories while walking* - em diferentes línguas – Crioulo de Cabo Verde, Português, Italiano, Inglês. Será construída a partir de excertos de histórias e memórias individuais de combatentes da libertação. Apolo de Carvalho, Juliana da Penha e Sónia Vaz Borges, lerão estes excertos enquanto caminham acompanhados por objetos e imagens dos seus arquivos pessoais e coletivos.

O que acontece quando este arquivo já não está num espaço fechado, mas numa conversa, num caminhar constante que atravessa o tempo, transita por diferentes geografias, espaços e arquiteturas?

Silent Speaking / Conversar com Silêncios

Silent Speaking é um workshop discussão, que irá acontecer em língua gestual, com materiais distribuídos em escrita braille, e com tradução para outros públicos em inglês e italiano, usando o sistema áudio- individual.

Durante o processo de libertação, num país de uma enorme diversidade linguística, a língua enquanto elemento central de comunicação, encontros e transmissões, assumiu um caráter central no projeto e espaço educativo. No processo de investigação, escrita e conversas sobre a Educação militante desenvolvida neste espaço de libertação, formas de comunicação continuam marginalizadas, isto inclui a língua gestual e a escrita Braille. Como pensar a educação militante a partir destas duas formas de comunicação?

Futuristic Schools / Espaços de Educação Futuros

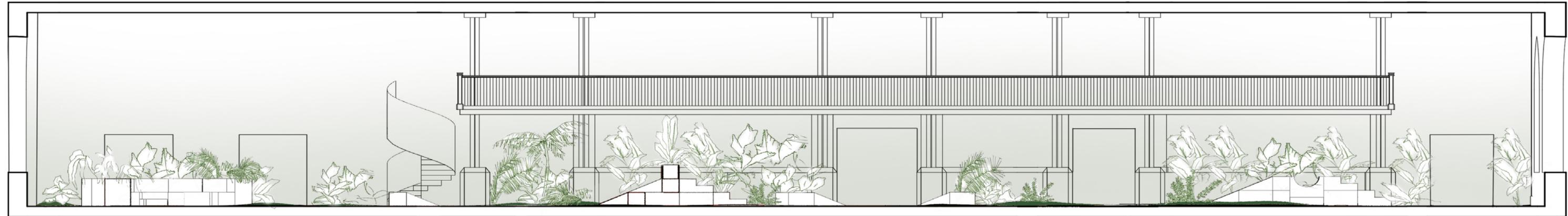
Futuristic Schools é um seminário, liderado por Sónia Vaz Borges e Virgílio Varela, que visa refletir sobre a educação do futuro, inspirando-se nos três pilares da educação militante: formação técnica, formação política e transformação dos comportamentos individuais e coletivos. A intenção é analisar estes conceitos a partir de hoje e compreender o seu significado num futuro próximo. Será relevante manter estes pilares na educação e nos ambientes educativos do futuro? Como podemos imaginá-los, especular sobre eles e criar instrumentos para implementá-los? Para tal serão trabalhados o Afrofuturismo como uma estética cultural, filosofia da ciência e história que investiga a interseção entre a cultura da diáspora africana, ciência e tecnologia, e serão utilizados os princípios e técnicas do Dragon Dreaming - metodologia inspirada na cultura aborígine australiana, como uma abordagem inovadora, lúdica, inspiradora, significativa para auxiliar indivíduos e grupos na realização dos seus sonhos. Pretende-se explorar a ideia de escola a céu aberto, dentro da GREENHOUSE, incorporando na discussão não apenas o espaço do palácio, mas também a estrutura artística e ecológica, ali desenvolvida.

Grounded Soil / Solo em terra

Grounded Soil é um workshop/ performance de um dia com Sónia Vaz Borges e Aderbal Ashogun, e uma palestra/discussão com Ruth Wilson Gilmore sobre a abolição como emancipação em ensaio, ligando assim as lutas pela libertação, e os direitos da terra.

“Pisar a terra suave”, uma forma para pensar a forma como caminhamos e as marcas e vestígios, que deixamos de no ecossistema e ecologia da terra e as lutas que aqui travamos. Este workshop pretende explorar o jardim a partir do solo profundo, descolonizando a terra a partir das relações entre as subjetividades ‘estrangeiras’ humanas (i.e. povos indígenas, comunidades de imigrantes e pessoas racializadas) e a terra vista como o Outro. Pretende-se pensar o solo/terra para além dos limites geográficos, incorporando este o seu elemento de resistência e de guia fugitivo.

O projeto expositivo define-se a partir da criação de um espaço de ações discursivas que desenvolvem uma experiência imersiva e emocional e que evoca dimensões simbólicas e metafóricas das temáticas em debate – a ecologia, o corpo e a política – desenha-se neste espaço, a partir de um único gesto, um jardim, que simultaneamente organiza os fluxos de ações criativas que se desenvolvem entre a pedagogia, coreografia, performance, som e escultura. O jardim crioulo será pontuado por esculturas que convidam aos encontros, às assembleias, acolhendo os visitantes e o programa de ativações. As esculturas são palcos, jardins verticais que vão mudando de configuração e acolhendo as várias ações do programa, as conversas, dança, escolas e workshops. Cria-se um ambiente natural inesperado, trazendo uma experiência colaborativa e participativa. As espécies de plantas que fazem parte do jardim refletem a pluralidade de múltiplas diversidades. São espécies características dos sistemas agrários, presentes na cultura diária da população. A diversidade da vegetação engloba também os diversos fins que são intrínsecos ao conceito de jardim, como vegetação associada à produção alimentar, ou associada à produção de medicamentos; ou ainda vegetação denominada de enquadramento ou ornamental, mas que carrega uma carga maioritariamente simbólica e filosófica na construção da identidade.





Mónica de Miranda é uma artista, investigadora, curadora e diretora artística, cuja prática baseada na investigação aborda de forma crítica a convergência entre política, género, memória, espaço e história, através da arqueologia urbana e geografias afetivas. Trabalha de forma interdisciplinar com desenho, instalação, fotografia, cinema, vídeo e som, nas suas formas expandidas e nas fronteiras entre ficção e documentário. É investigadora principal do grupo de investigação *Pós-arquivo* no Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras. Fundou em 2014 o projeto *Hangar - Centro de Investigação Artística*, em Lisboa, assumindo a direção artística do mesmo desde a sua constituição. Durante a sua carreira artística publicou várias edições. As suas exposições incluem: *RE/SISTERS* (Barbican, 2023); *Art Basel* (Hong Kong, 2023); *Construir o Tempo* (Centro Cultural Camões, Luanda, Angola, 2022); *Mirages and Deep Time* (Galeria Avenida da Índia, Lisboa 2022); *Berlin Biennale* (2022); *no longer with the memory but with its future* (Oratorio di San Ludovico de Nuova Icona, Biennale de Veneza, Itália 2022); *The Island* (Autograph, Londres, 2022); *Europa Oxalá* (Fundação Gulbenkian, Lisboa, Mucem, França, 2022); *Thinking about possible futures* (Biennale del Sur, 2021); *African Cosmologies, Houston Fotofest* (2020); *Tales from the water margins* (Biennale Internationale de l'Art Contemporain de Casablanca, 2018); *Taxidermy of the future* (Bienal De Lubumbashi, 2019); *Arte Contemporânea Africana e Estética das Traduções* (Bienal de Dakar, Senegal, 2016); *Addis Foto Fest* (Adis Abeba, Etiópia, 2016); *Hotel Globo* (Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisboa, Portugal, 2015); *Ilha de São Jorge* (14a Bienal de Arquitetura de Veneza, Itália, 2014); *Line Trap* (Bienal de São Tomé e Príncipe, 2013). Foi curadora das exposições *Affective Utopia* (Kadist, Paris, França, 2019) e *Deep Blue*, no âmbito da Bienal de Fotografia do Porto 2023 (Triplex, Porto, Portugal, 2023). Em 2019, foi nomeada para o Prémio EDP no Museu MAAT (Lisboa, Portugal) e, em 2016, foi nomeada para o Prémio de Fotografia Novo Banco, expondo no Museu Coleção Berardo (Lisboa, Portugal) como finalista. Ganhou o prémio Idealista para Arte Contemporânea em 2023, e é beneficiária da bolsa Open Society Arts Fellowship 2023 - Art, Land and Public Memory.



Sónia Vaz Borges é uma historiadora interdisciplinar militante e organizadora político-social. Doutorou-se em História da Educação na Humboldt-Universität zu Berlin (HU). É autora do livro *Militant Education, Liberation Struggle, consciousness: The PAIGC education in Guinea Bissau 1963-1974* (2019). Como resultado da sua investigação, Vaz Borges é coautora das curtas-metragens *Navigating the Pilot School* (2016) e *Mangrove School* (2022). Em colaboração com o Tricontinental: Instituto de Investigação Social, escreveu uma versão condensada do seu livro sobre Educação militante (2019) para um público ativista. Este com o título *The PAIGC's political education for liberation in Guinea Bissau. 1963-1974* (2022) o título encontra-se traduzido em português e espanhol. Juntamente com Léopold Lambert, foi responsável pela co-edição do número 49 da revista *The Funambulist. Politics of Space and Bodies*, com o título *Schools of the Revolution. Radical Education and Pedagogies Around the World* (2023).

O seu trabalho académico, militante e artístico colaborativo tem sido apresentado internacionalmente, incluindo na Haus der Kulturen der Welt (Berlim); Escola das Artes no Porto; Mbonji 67; Bienal de Coimbra; Hangar; The Funambulist, Sharjah Architecture Triennial, Cooper Union, Harvard University, entre outros.

Atualmente Vaz Borges é professora assistente de História e Africana Studies na Drexel University, em Filadélfia (EUA). O seu próximo livro *Ragás Because the sea has no place to grab. A memoir of home, migration, and African liberation* deverá ser lançado em junho de 2024, publicado pela editora Common Notions, sediada em Filadélfia.



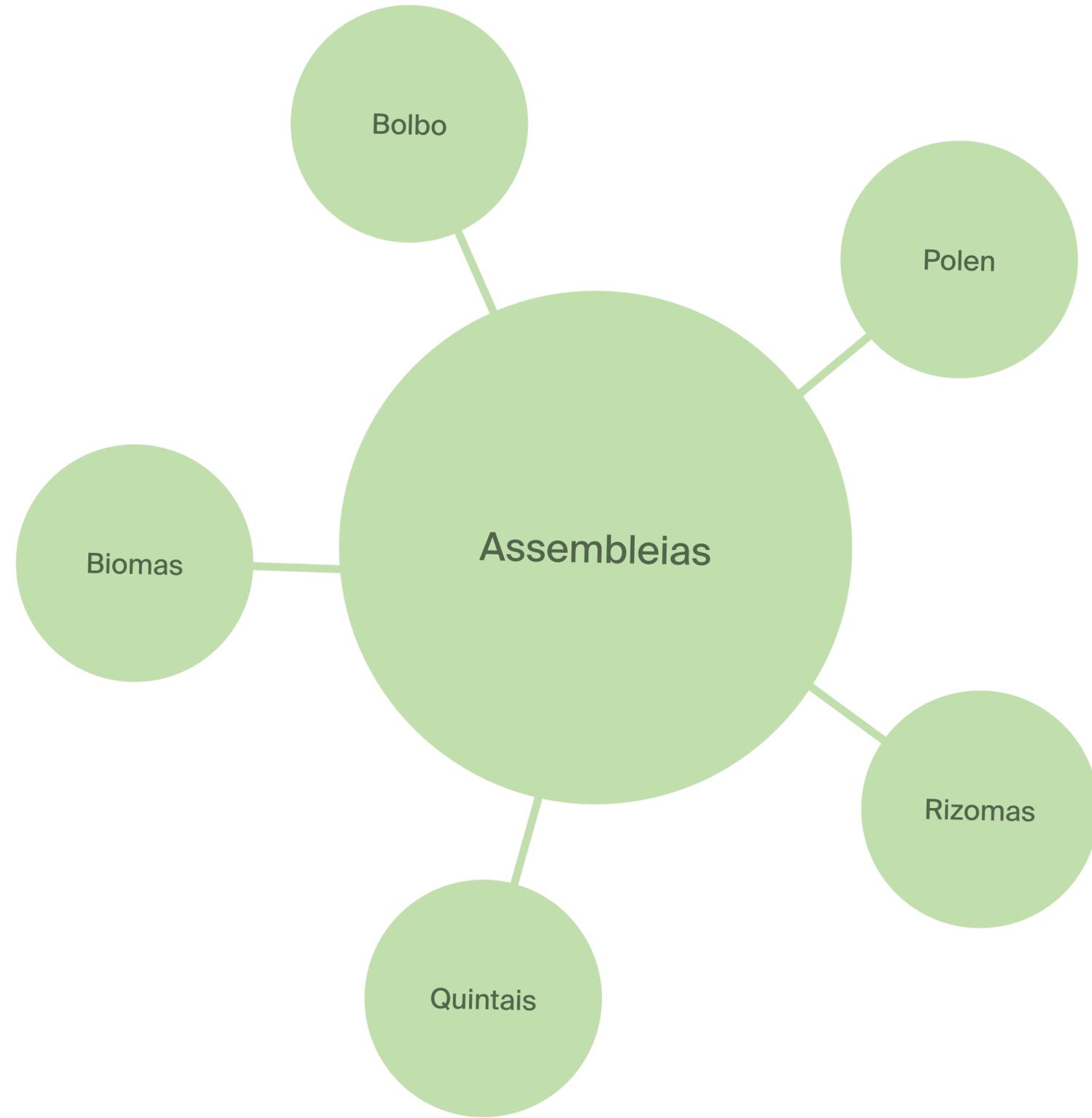
Vânia Gala é coreógrafa e investigadora. É diretora de curso do MA Expanded Dance Practice na London Contemporary Dance School. Recebeu o seu doutoramento da Universidade de Kingston, financiado por uma bolsa universitária.

Os seus interesses residem em práticas experimentais com ênfase nas noções de recusa, pensamento coreográfico, fugacidade, improvisação(ões), (não)performances negras, negociação, dissenso, hospitalidade e valor.

As suas colaborações como bailarina incluem a companhia belga Les Ballets C. de La B., Constanza Macras, Dina13 e B.Valiente Kompani. Como coreógrafa, colaborou com os artistas contemporâneos Sonia Boyce, Harold Hoffeh e a companhia de teatro portuguesa Griot.

Os seus trabalhos performativos recentes incluem *Give & Take* (Tate Modern), *Mesa para Práticas de Pernas para o Ar* na Fundação Calouste Gulbenkian e *Tramway* (UK) e *Farmácia Fanon* na Culturgest. Em 2019 foi galardoada com o prémio de Melhor Coreografia pelo Guia de Teatro (Portugal). Em 2005 recebeu o prémio de Melhor Performance Feminina no Dublin Fringe. Fez parte do Aerowaves (Londres) - e da Trienal de Luanda.

Gala é co-convocadora do grupo de Teatro, Performance e Filosofia da Associação de Investigação em Teatro e Performance. Além disso, foi nomeada âncora artística e conselheira curatorial do *Manifest*, um projeto financiado pela Europa Criativa.



Rizomas

Mediador: Paul Goodwin

Participantes confirmados: Hicham Khalidi (curador Pavilhão Holanda), Abraham Oghobase (artista Pavilhão Nigéria), Manal AIDowayan (artista Pavilhão Arábia Saudita)

Participantes por confirmar: Azu Nwagbogu (curador Pavilhão Benim), Andrea Pacheco (curadora Pavilhão Chile), Maria Madeira (artista Pavilhão Timor-Leste), Cindy Sissokho (curadora Pavilhão França)

Convoca encontros entre artistas e curadores de outros pavilhões em Veneza e tece redes de pesquisa e reflexão sobre os temas da Biennale Arte 2024. Com base em temas como a descolonização, a restituição e a relação entre o patrimônio indígena e a arte contemporânea e as práticas sociais, *Rizomas* reflete na forma como os artistas e curadores contemporâneos abordam os desafios do presente no seu trabalho. A construção de intercâmbios bilaterais e multilaterais entre os diferentes países tem um efeito rizomático de propagação de ideias e práticas decoloniais através de artistas/curadores de vários pavilhões, ultrapassando a noção fixa de "nacionalidade" como lugar de pertença. Nos *Rizomas*, encontramos um lugar de pertença que é transterritorial.

Quintais

Mediadora: Marissa Moorman

Participantes confirmados: Ondjaki, Kalaf Epalanga, Ângela Coutinho

Sons de Libertação: Os sons da palavra falada ou cantada e do ambiente que ativam os corpos. Música, poesia e rádio são tecnologias não apenas de resistência, mas de libertação. O som mobiliza corpos na dança, nos afetos entre as pessoas e nas ressonâncias conspiratórias. As festas de quintal são espaços de convívio e hospitalidade onde se fazem e refazem ideias de si e dos outros. Estas apresentações incluem palestras na rádio sobre as lutas de libertação no Cabo Verde, Guiné Bissau e em Angola, poemas cinematográficos e discussão (Ondjaki) e uma intervenção musical (Kalaf Epalanga).

Biomias

Mediadora: Kitty Furtado

Participantes confirmados: Ellen Pirá Wassu, Denise Ferreira da Silva

Biomias é uma das manifestações da abordagem da GREENHOUSE ao pavilhão nacional, não como uma representação de uma identidade nacional unitária, mas sim como uma intersecção de vários ecossistemas, tanto humanos como mais do que humanos. *Biomias* questiona o que pode surgir quando cruzamos vários ecossistemas de resistência aos nossos atuais desafios globais. Como é que a ameaça de extinção dos ecossistemas pode ser travada se nos contrapormos ao modelo de produção monocultural herdado do colonialismo e, em vez disso, recuperarmos e honrarmos as estratégias ancestrais de reprodução e sobrevivência em diversidade? A partir de um entendimento interseccional sobre os desafios contemporâneos no Antropoceno e o contexto pós/neocolonial, *Biomias* reúne várias práticas discursivas, ativistas e artísticas que ponham a questão da reparação ecológica em primeiro lugar.

Bolbo

Mediadora: Melissa Rodrigues

Participantes confirmados: Kiluanji Kia Henda, Ângela Ferreira, João Carlos Silva, Dalton Paula

Série de conversas que reflete sobre o papel de artistas-curadores e coletivos criados por artistas no sul global e nas comunidades artísticas Afro-Diaspóricas no mundo ocidental e como estas redes criaram espaços de apoio entre profissionais estabelecidos e jovens, criando assim espaços de partilha, educação e experimentação. Os palestrantes vão questionar como em condições de desigualdade e racismo estrutural a figura do artista-curador é um lugar de resistência e desobediência epistemológica onde se criam-se condições para espaços abertos a modos alternativos de pensar e criar.

Pólen – Ecologias de Cuidado

Participantes por confirmar: Renée Mussai, Natasha Ginwala, Anna Arabindan-Kesson

A série de conversas pretende expandir as narrativas em torno das ecologias do cuidado no mundo da arte, o papel da arte e da prática curatorial como modos de partilha e expressão criativa num contexto local e global, entre outros. Considera a forma como as práticas curatoriais centradas nas epistemologias do Sul espalham os discursos artísticos marginalizados no mundo da arte contemporânea.

**Programa Público a realizar-se durante
o período expositivo (21 de abril a 24 de novembro).**

Datas e Horários a serem anunciados brevemente.



LOCALIZAÇÃO E HORÁRIO

Palazzo Franchetti, S. Marco, 2847, 30124
Veneza VE, Itália (Ao lado da Ponte da Accademia)
Barco / Vaporetto Accademia Linhas: 1, 2

20.04.2024 - 24.11.2024
Terça a Domingo: 10:00-18:00
Fechado às segundas-feiras, exceto: 22.04, 17.06, 22.07, 02.09, 30.09, 18.11



Artistas-Curadoras

Mónica de Miranda
Sónia Vaz Borges
Vânia Gala

Organização

Ministério da Cultura de Portugal
Pedro Adão e Silva, Ministro da Cultura

Comissário

Direção-Geral das Artes
Américo Rodrigues, Diretor-Geral

Produção executiva e comunicação (DGARTES)

Catarina Correia
Raquel Monteiro
Sofia Isidoro

Conceção da Exposição

Paulo Moreira Architectures

Arquitetura e Design Paisagístico

Clinica Botanica
Paulo Palma

Arquiteto local

João Lacerda Moreira

Produção de Estruturas Expositivas

ArtWorks

Desenho de Som

Filipe Ridolfi

Coordenação de Produção

Marcela Canadas
Magda Bull
Ana Almeida

Programa Público

Ana Almeida
Anca Usurelu

Produção no Local

Raul Betti

Edição e Comunicação

Anca Usurelu
Byrant Perkins

Redes Sociais, Conceção Web e Comunicação

Denise Santos
Mónica de Miranda Art Studio

Identidade Visual e Design Gráfico

Desisto

Gabinete de Imprensa Nacional

Rita Bonifácio

Gabinete de Imprensa Internacional

Rees & Co

Coordenação Editorial

Kitty Furtado
Marissa Moorman

Tradução

Blue Dimension
Kennis Translations, S.A.

Ilustração

Mariana Jacinto

Equipa do filme D.O.P.

Nuno Miranda

Direção de Arte

Laís Andrade

Assistência Conceção da Exposição

Alex Kirschstein
Barbara Gocníkova
Paulo Moreira
Nuno Silva
Sara Pinheiro
Thais de Andrade
Yujie Liu

Assistência à Equipa Artística

Anna Jarosz
Marta Meers
Teresa Noronha Feio

Satélites

HANGAR - Centro de
Investigação Artística (PT)
Batalha Centro de Cinema (PT)
INSTITUTO (PT)
The Showroom (UK)
Savvy Contemporary (DE)

Mecenas

Fundação EDP

Parceiros

FAS - Forward Art Stories
Hangar - Centro de Investigação Artística
Jahmek Contemporary Art
Sabrina Amrani Gallery
Carlos Carvalho Contemporary Art

Parceiros Específicos

ArtWorks
Clinica Botanica
Paulo Moreira Architectures
The Funambulist

Parceiros Institucionais

FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia
Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras
Centro de Estudos Comparatistas
Department of History, Drexel University
University of Wisconsin-Madison
Museu Nacional de História Natural e de Ciência

Apoios

Companhia Olga Roriz
Estufa Fria (Câmara Municipal de Lisboa -
Direção Municipal de Ambiente, Estrutura Verde,
Clima e Energia)
Blue Dimension
Gráfica Maiadouro

Parceiros de Acolhimento

The Showroom
Batalha Centro de Cinema
Savvy Contemporary
INSTITUTO

Parceiros de Comunicação

RTP - Rádio e Televisão de Portugal
Contemporânea
Gerador
Antena 1

Apoio a Divulgação

Electra
e-flux
Jornal de Letras

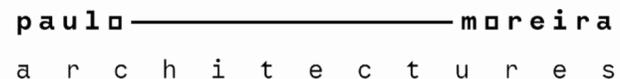
Organização e Comissariado



Mecenas Principais



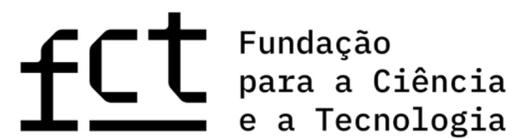
Parceiros Específicos



Parceiros



Parceiros Institucionais



Parceiros de Acolhimento

**THE
SHOW
ROOM**

BATALHA CTR DE CINMA

**S A V V Y CONTEMPORARY
THE LABORATORY OF FORM-IDEAS**

INSTITUTO

Apoios

COMPANHIA OLGA RORIZ

 **LISBOA**
CÂMARA MUNICIPAL


ESTUFA FRIA
LISBOA

 **blue**

 **Gráfica
Maiadouro**

Parceiros de Comunicação

 **RTP** _Contemporânea

GERADOR

 **ANTENA 1**

Apoio a Divulgação

E L E C T R A e-flux JL

Gabinete de Imprensa Nacional

Rita Bonifácio | +351 918 453 750
greenhouse.press2024@gmail.com

Gabinete de Imprensa Internacional

Emily Gates | +44 (0) 203 137 8776
emily.gates@reesandco.com

Website

greenhouse2024.com

Instagram

[@greenhouse_2024](https://www.instagram.com/greenhouse_2024)

Comissariado

